

Passado e Futuro

Mais pela iniciativa do que propriamente pelo decidido, o encontro do presidente Fernando Henrique com o vice Marco Maciel, o presidente do Senado, o presidente do PFL e o coordenador político mostrou a vontade de ocupar a cena política vazia e romper a inércia parlamentar gerada pelas CPIs dos bancos e do Judiciário. O saldo conseguido pelo PMDB e o PFL, com as duas CPIs do Senado, se mostra insuficiente para a capitalização política destinada a 2002.

A terceira legenda da aliança oficial – o PSDB – ficou atônita à margem da disputa entre os dois aliados que utilizam como referência, no vazio de ação de governo, a futura sucessão presidencial como núcleo da eleição dos governadores nos estados. A intenção é demarcar espaço eleitoral. Não há qualquer limitação legal mas o bom senso desaconselha projeto estratégico quando há espaço tático à disposição. Que os partidos de oposição ponham suas melhores esperanças em 2002, é natural. Mas o PFL e o PMDB têm a perder com a demora do governo em retomar a iniciativa. Devem agir por dentro da aliança e encontrar a saída. A crise perdeu a dramaticidade que empolgou a oposição mas os partidos que reelegeram em condomínio o presidente Fernando Henrique não podem esperar vantagem eleitoral de insucessos administrativos.

A situação desconfortável do governo e do presidente nas pesquisas, na sequência da crise cambial de janeiro, não é dado definitivo: tudo indica que, com os recursos ao seu alcance, o governo já recupera o controle da economia. É, portanto, partir daí

e não de teorias. Perdeu a confiança de parcela substancial da opinião pública mas pode recuperar-se, se firmar os pés no que pode fazer e não incorrer no exercício de retórica irreal. É mais útil produzir resultados do que falar em desenvolvimento com grandiloquência sem traduzi-la em atos.

Foi instintiva a reunião do presidente Fernando Henrique com o vice Marco Maciel, o ministro Pimenta da Veiga e os senadores Antônio Carlos Magalhães e Jorge Bornhausen para uma reavaliação que se traduziu na ênfase política às reformas tributária e judiciária na Câmara e na abertura do debate definitivo sobre a reforma política no Senado. São respostas que o governo pode dar ao anseio de modernização que mobilizou a sociedade nas duas eleições presidenciais, e nas quais os eleitores mostraram confiança na proposta de governo de Fernando Henrique e ficaram pelo caminho.

De uma forma ou de outra, a sucessão presidencial fará o julgamento político dos dois períodos de governo e contemplará no veredito os partidos que o elegeram. A ilusão de marcar lugar para candidatura própria, sem considerar o prazo excessivo sujeito a desgaste, é inseparável das consequências que acarreta. Candidaturas com antecedência geram resistências e inviabilizam alianças. Portanto, antes de pensar no próximo, é melhor pensar no governo a que pertencem e pelo qual são responsáveis. Sem completar as reformas equacionadas e sem consumir a reforma política, o futuro vai girar em torno do passado e repetir seus erros tradicionais.